



GT 79. Sexo e o Dom: Etnografias das trocas afetivo-sexuais/comerciais

Coordenador(es):

Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Adriana Gracia Piscitelli (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Ana Paula da Silva (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Existe uma ambiguidade fundamental que se encontra na base das relações heterossexuais normativas engendradas, que revela-se na suposta natureza antagônica das trocas comerciais afetivo- sexuais e as relações afetivo- sexuais baseadas na reciprocidade. Nas culturas ocidentais em geral, essas duas formas de relações afetivo- sexuais tendem a ser entendidas como completamente diferentes e/ou separadas umas das outras (a teoria das “esferas separadas”), ou são configuradas como duas manifestações do mesmo fenômeno básico (a teoria “nada é diferente”). Como Viviane Zelizer aponta, porém, na vida vivida, a interação entre elas é complexa e ambígua. Nesse tipo de relação humana, onde as lógicas econômicas coincidem, se misturam, e até se co-constituem com lógicas morais e afetivas (e vice-versa), mas onde a prostituição e o amor são hegemonicamente entendidos como esferas separadas contraditórias, o “Ensaio Sobre o Dom”, de Marcel Mauss revela-se como valiosa contribuição para entender as (in)diferenças entre as várias formas de labuta/troca sexual e emocional. Nosso GT vai contemplar etnografias que exploram as complexidades e ambiguidades das trocas sexuais/afetivas, buscando desconstruir os dois modelos acima descritos. Preferencialmente daremos destaque para os trabalhos que situam essas trocas como fatos sociais totais dentro de cenários mais amplas de ação e valores, ilustrando a dialética entre a agência humana e as estruturas socioculturais em que essa é embutida.

Tensões, conflitos e relações: Conexões de gênero, família e work entre garotas de programa em Teresina-PI

Autoria: Marcos Paulo Magalhães De Figueiredo (UFPI - Universidade Federal do Piauí)

O presente work é uma pesquisa ainda em construção que visa investigar os intercâmbios entre relações de poder e gênero no segmento do work e da família de mulheres que tem na prostituição sua fonte de proventos. Um primeiro contato com o campo da pesquisa na tradicional zona do meretrício teresinense, o entorno da Rua Paissandu ocorreu ainda no segundo semestre de 2017 durante a construção de um work monográfico. Naquele momento a proposta era analisar como garotas de programa produziam e serviam-se culturalmente de seus corpos inseridos na prostituição. Contudo, durante a pesquisa de campo os filhos, companheiros e outros parentes da rede extensa de parentesco sempre apareciam em suas narrativas, histórias bem como seu cotidiano. A proposta em um primeiro momento é perceber como os discursos produzidos sobre a prostituição construíram paulatinamente a exclusão da esfera familiar da prostituta a partir de Rago (2008; 2014), Engel (2004) e Bacelar (1982). A ideia é contrastar o discurso do modelo hegemônico e abstrato de família (FONSECA, 2007; GOLDANI 1993.; ARIÉS, 2017) e contrasta-los com a etnografia entre mulheres prostitutas na cidade de Teresina ? PI. Esses contrastes serão analisados através dos intercâmbios produzidos nas oposições eixo casa/work diz respeito á comunicação das formas como mulheres prostitutas experienciam e conciliam sua vida laboral e doméstica em seu cotidiano bem como suas relações familiares. O segundo seria o eixo ativo/passivo visa compreender as relações de gênero e poder que experienciam mulheres prostitutas bem como discutir o impasse da imagem da mulher prostituta



construída ora como pura e simples vítima do patriarcado ou como uma ameaça hiper sexualizada. Por fim, pretende-se esboçar algumas considerações sobre a pesquisa através do work de campo realizado nos meses de fevereiro e março de 2020.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: